



Prezados leitores!

A política vive de símbolos. Nada manifesta melhor a qualidade das relações entre dois países do que a troca de gestos amistosos entre altos representantes dos mesmos diante um cenário fotogênico. Nesse momento, os fotógrafos dispararam suas câmaras e os jornalistas encontram ouvidos abertos nas redações nacionais para mais espaço em favor de uma região geralmente relegada a segundo plano pelos meios de comunicação. É bem possível que o Brasil, em breve, volte a merecer alguns segundos de atenção nos noticiários noturnos das TVs alemãs. “O chanceler federal alemão, Gerhard Schröder, desembarcou hoje em São Paulo”, será a provável manchete, quando Schröder fizer uma curta escala no Brasil, em sua viagem pela América Latina. Muito mais do que isso não se deve esperar da imprensa alemã a respeito dessa viagem.

No entanto, seria crítica barata falar em clima de ressaca nas relações teuto-brasileiras, pelo fato de Schröder desembarcar em São Paulo na Quarta-Feira de Cinzas. Mas, na realidade, também não se pode classificar as relações bilaterais entre Brasil e Alemanha de arrebadoras, criativas e pujantes. O interesse econômico europeu de curto prazo volta-se para o Leste Europeu e, a longo prazo, para a Ásia e a China. A proteção ao meio ambiente está fora de moda e raramente motiva alguém a aproximar-se do país por essa via. Cortes e remanejamentos orçamentários das organizações intermediadoras ainda reforçam o quadro de monotonia das relações com o Brasil. Quem ainda se lembra do ambicioso programa latino-americano do governo federal alemão de 1995, que pretendia reestruturar a cooperação entre a Alemanha e a América Latina?

Apesar disso, a visita de Schröder poderá ser mais do que uma mera obrigação diplomática. Caso para Schröder uma “política de mão firme” signifique aproveitar decididamente novas oportunidades, então ele poderá retornar à Alemanha com um bom trunfo para o ano eleitoral. Há muito se sabe que investimentos no Brasil geram empregos na Alemanha. Isso é uma obviedade. Portanto, uma sacudida nas relações bilate-

rais poderia gerar impulsos positivos sobretudo também para a Alemanha.

Mais “fantasia” nas relações teuto-brasileiras é o que sugerem as observações de Ingrid Schwamborn sobre o sucesso da coleção “Harry Potter” no Brasil. Só do primeiro volume já foram vendidos 800 mil exemplares no Brasil. Desde “Macunaima”, os brasileiros adoram ler obras literárias em que o extraordinário ocorre ao meio-dia. A corrida aos livros de Potter é uma pequena sensação, num país em geral conhecido pela preguiça de ler. Com base na tradução da obra para o português brasileiro, a autora nos convida para um interessante passeio pela evolução da língua e explica, de passagem, a história de sucesso da escritora inglesa Joanne K. Rowling no Brasil.

Os brasileiros tendem literalmente à espiritualidade e, em parte, o fervor religioso os torna um povo simpático. Carl Dieter Goerdeler descreve o misterioso Vale do Amanhecer. Pode parecer um paradoxo, mas é justamente num vale, onde muitos brasileiros procuram a elevação de espírito. Tia Neiva é como se chamava a já falecida fundadora dessa estranha seita, que continua atraindo um grande número de novos adeptos. A reportagem de Goerdeler é ilustrada com fotos de Gleice Mere, uma fotógrafa já conhecida dos leitores da revista Tópicos, por suas impressionantes fotografias do Brasil.

Em nossa reportagem de capa intitulada “A nova gente”, o texto de Jens Soentgen e as fotografias de Manoel Nunes entram num diálogo sedutor. As fotos de Nunes são o pano de fundo, diante do qual Soentgen desmistifica a idealizada lenda da mulata dengosa como ponto culminante da miscigenação racial. Segundo Soentgen, tanto a escolha dos nomes quanto o prazer do travesti e do jogo são provas da miscigenação e busca de identidade no Brasil.

Nesta edição, lembramos a morte do repórter da revista Stern, Volker Handloik, que a 11 de novembro de 2001 caiu numa tocaia do talibã, no Afeganistão. Handloik publicou várias reportagens sobre o Brasil e sempre se interessou pelo país. Em 1998, escreveu para a revista “Mare” sobre as

peças que no “Brasil escavam peixes fossilizados da areia”. Seguiram-se artigos na “Focus”, “Spiegel” e “Stern”, por exemplo, sobre a favela da Zona Franca de Manaus, “que se expande lentamente e vive das migalhas da prosperidade dos que têm emprego”. Na presente edição de Tópicos, reeditamos uma típica reportagem de Handloik. Ela mostra tanto seu faro para focos de conflito quanto sua pena instintiva e precisa. Em seu estilo de recortes, Handloik descreve o ambiente de um “baile funk”, legendário e perigoso ponto de encontro em que os underdogs do Pão de Açúcar procuram uma válvula de escape para suas agressões, numa névoa de drogas, música e violência. Mesmo para um “gringo” apto à empatia, o caminho para o local do encontro era perigoso. Aliviado, ele concluiu a reportagem, realizada no início de 2001, com as seguintes frases: “Eles não me assaltaram. Que sorte que eu tive”.

De maneira quase despercebida, desponta no horizonte de 2002 um acontecimento cultural de destaque nas relações teuto-brasileiras. O alemão Alfons Hug é o primeiro curador-geral não brasileiro da Bienal de São Paulo, que acontece de 23 de março a 02 de junho, sob o lema “Metrópole”. Em seu artigo “Iconografias Metropolitanas”, o multiartista alemão descreve seu projeto para a maior e mais importante exposição de arte da América Latina, que, geralmente, também fornece importantes impulsos para o mercado artístico europeu.

Além disso, vocês irão conhecer nessa edição as(os) principais candidatas(os) à próxima eleição presidencial no Brasil. A reportagem de Astrid Prange mostra que as mulheres desempenham um papel cada vez mais significativo na política brasileira.

Desejo-lhes muito prazer na leitura dessa edição e espero que nos mantenham sua fidelidade também em 2002.

Cordialmente

Michael Rose